Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-076-6
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

2013

Artigos

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

FORMAS DE VER:
A construção do olhar do professor a partir de imagens da arte na formação de crianças com deficiência intelectual

Andréa Gama Piana

Orientadora: Roberta Puccetti

Desde os tempos mais remotos o homem se comunica e se expressa por meio das imagens. Percebe-se, contudo, que mesmo de posse desta "super" exposição, ainda não estamos visualmente alfabetizados para ler todas as informações que se colocam a nossa mostra. Nesse sentido, compreendendo a necessidade de uma alfabetização visual, a proposta do projeto em referência foi constituído pela utilização de elementos que pudessem colaborar na formação de uma cultura visual, educando e conscientizando professores da Escola de Educação Básica na Modalidade de Educação Especial ILECE, no sentido de que estes possam utilizar das imagens como um elemento base na construção do conhecimento de seus alunos com deficiência intelectual, disseminando a cultura do ver e difundindo mecanismos de interpretação que tenham o objetivo de alfabetizar visualmente, os personagens envolvidos, por meio de encontros de formação continuada onde foram abordados aspectos referentes à interpretação, a imagem, a arte e demais contextos que se apresentaram no decorrer dos encontros. Como resultado dos encontros foi possível perceber uma modificação significativa na forma como os envolvidos passaram a interagir com relação as imagens e principalmente na forma como as utilizam com os seus alunos, onde a imagem não é mais mera ilustração, mas sim um elemento capaz de comunicar e ensinar.

Palavras-chave: imagem. alfabetização visual. deficiência intelectual. formação continuada.

Introdução

Em um tempo não muito distante, o professor era tido como a figura central dentro do processo educacional. Tudo o que este apresentava era contagiante, fidedigno, interessante e principalmente novo, pois ele era um dos principais vínculos entre a criança e a descoberta do mundo científico.

Com o advento da televisão, do computador e mais recentemente da Internet as relações entre o conhecimento, a mediação e a exposição das imagens foram sendo alteradas, cabendo ao professor se adaptar a esta nova e mutável realidade, onde as crianças vivem imersas a informações e imagens que se transformam em uma velocidade que não poderia ser imaginada a duas décadas. Em sua grande maioria, as informações são acompanhadas por imagens que em alguns momentos ilustram as palavras e por outros são a única informação contida na mensagem. Temos imagens em nossos celulares, na TV, nas revistas, nas igrejas e nas salas de aula. Contudo, será que estamos educados e educando para essa super visualidade? E a propósito, qual é a importância da arte neste mundo contemporâneo?

É interessante perceber que, só conseguimos visualizar o algo além do altamente explícito olhando, ou, porque não dizer “degustando” uma imagem. Cabe aqui uma citação utilizada por Analice Dutra Pillar no capítulo de apresentação do livro “A educação do olhar no ensino das artes”, onde a autora utiliza um texto de Gabriel Junqueira[1] onde podemos encontrar o seguinte pensamento:

> Olhar interdisciplinarmente a pré-escola requer, antes de mais nada, que o observador comece a se olhar. Uma incursão estética por si mesmo é um bom começo: cor e corte de cabelo atuais? Cor de batom, de sombra para os olhos e esmalte de unhas? Ah, você tem um estilo mais naturalista que dispensa tais artifícios?! Que tipo de tecidos ou estampas você prefere vestir? [...] Você fala muito ou poço? Traz algum sotaque? Fuma? Masca chiclete? Vive de walkman para cima e para baixo? Existe alguma característica sua que chama a atenção das pessoas? Essas são algumas pistas, caso você se decida a experimentar a articulação do olhar interdisciplinar. (PILLAR, 2011, p. 5/6)

No texto acima fica claro a indagação do autor enfatizando a necessidade de nos olharmos para que assim possamos ver o mundo e as coisas que nos cercam, principalmente em um mundo onde tudo acontece tão rapidamente, que pouco tempo temos para olhar para as coisas ou para nós mesmos.

É sabido que ainda estamos caminhando morosamente em direção a uma “alfabetização visual”, seja pelas imagens do mundo, seja pela nossa própria imagem, e principalmente pela arte produzida pelas civilizações, pois, como pensa Barbosa (2012, p. 27), “se a arte não fosse importante não existiria desde o tempo das cavernas, resistindo a todas as tentativas de menosprezo”. E é justamente esse o pensamento que acaba por direcionar o artigo e as produções relacionadas a este que são apresentadas a seguir, seja como apropriações textuais baseadas em diferentes autores, ou pelo próprio caminho tomado durante os 8 encontros de formação continuadas realizadas com base neste pesquisa.

---

1 JUNQUEIRA FILHO, Gabriel. Interdisciplinaridade na pré-escola: o convite num olhar. In FAZENDA, Ivani (org.) A academia vai à escola. Campinas: papirus, 1995.

A comunicação pela imagem

Um dos aspectos mais significativos na nossa inserção como cidadão no mundo contemporâneo é nossa capacidade de se comunicar, sendo que esta pode se estabelecer sob diferenciadas formas de linguagem. Quase sempre a palavra linguagem é relacionada apenas a fatores e características gramaticais, que reforçam o seu aspecto de comunicação verbal/textual, no entanto a imagem também se coloca como um importante agente comunicador, como se percebe em Barbosa (2012, p. xxvi) ao dizer que a "iconografia[2] é a bibliografia do olhar".

Berger (1999, p. 9) nos coloca que "ver precede as palavras. A criança olha e reconhece, antes mesmo de poder falar", e afirma que por meio do ato de ver o ser humano estabelece seu lugar no mundo. No prefácio do livro Lendo Imagens do argentino Alberto Manguel (2001), este coloca que no dizer do papa Gregório, no século VI, "os afrescos e as estátuas nas igrejas representavam para os analfabetos o mesmo que um texto para os letrados". Ambos pensamentos que enfatizam as características de comunicação da imagem, afirmando Berger (1999, p. 12) que, "toda imagem incorpora uma forma de ver", e então cabe a nós descobrirmos estas formas, como esclarece Nise da Silveira[3] ao dizer que:

> Existem aqueles que têm olhos apenas para o mundo exterior e esperam do desenho ou da pintura cópias mais ou menos aproximadas de seres e de coisas da natureza externa. Outros, como Kandinsky, aceitam a existência de uma realidade interna, mesmo mais ampla que a natureza externa, realidade que unicamente pode ser aprendida e comunicada por meio da linguagem visual. Entre os pintores, há ainda alguns bastante ingênuos que tentam reproduzir a realidade exatamente como ela é [...]. Há os que exprimem diretamente seus sentimentos, ou ainda permitem que produções da fantasia se desdobrem em liberdade. E há ainda aqueles que, no dizer de Paul Klee, não têm a intenção de refletir o visível, mas de tornar o invisível visível. (SILVEIRA, 2001, p. 82).

Um ponto de concordância no pensamento da grande maioria dos autores diz referência à alfabetização visual e a necessidade de uma melhor compreensão dos

---

2 **1** Arte de representar por imagens. **2** Representação de imagens num livro. **3** Conjunto de imagens relativas a um assunto. Extraído de http://michaelis.uol.com.br, acesso em 03 de junho de 2013.

3 Criticando os modelos tradicionais da psiquiatria utilizados no Brasil na segunda metade do século XX, a médica Nise da Silveira iniciou uma série de estudos acerca da imagem, arte e formas de ver, utilizando a produção artística como uma das formas de tratamento de doentes mentais do Hospital Psiquiátrico de Engenho de Dentro no Rio de Janeiro. No pensamento desta médica, que criou um movimento chamado "Imagens do Inconsciente", o ato de ver esta sempre permeado pelo estado psicológico do interpretante. (PIANA, 2010, p. 17)

sistemas que a constituem, o que Buoro (2002) narra, ao dizer que, se o sistema é visual, será necessário que o leitor obtenha conhecimento prévio da organização desse sistema de linguagem, pois tendo a consciência de que cada linguagem se estrutura por meio de sistemas específicos pode promover neste uma interação mais significativa.

O conhecimento pela via da descoberta artística

Analisando a imagem sobre o aspecto de sua capacidade comunicativa, encontramos a arte, pois o homem sempre se utilizou desta como forma de comunicação e expressão de sua realidade.

Durante muitos anos a arte também assumiu um papel de agente educador, ou, melhor dizendo, catequizador, já que a igreja utilizava-se deste como um meio para doutrinar seus fiéis de acordo com as suas interpretações. Contudo, somente após vários anos é que a arte passou a ser visualizada e utilizada na formação escolar, sendo que em nosso país esta sofreu um processo de negligenciamento e discriminação, sendo que somente a partir de virada dos anos 1980 para os 1990 é que novos rumos puderam ser vislumbradas com relação à forma de interpretação desta disciplina, quando surgiram novas formas de se pensar a arte, e esta começou a ser vista como um importante elemento na formação de uma criança, não de forma apenas intelectual, mas humanizadora, como aponta Barbosa (2012) ao dizer que:

> Arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano. (BARBOSA, 2012, p. 4)

A arte educação é uma ferramenta capaz de estimular a formação da criança e o seu desenvolvimento intelectual a partir do momento que propõe “um contínuo

movimento de possíveis novas formas de enxergar as mesmas coisas de forma diferente" (RICHTER, 2011, p. 161), possibilitando dessa maneira, transformar "esses sujeitos em interlocutores competentes, envolvidos em intenso e consistente diálogo com o mundo, estimulados para isso por conexões e informações que circulam entre verbalidade e visualidade" (BUORO, 2002, p. 35). A arte une imaginário e realidade, linguagem oral, textual e visual e desperta não apenas na criança, mas em qualquer indivíduo a sua curiosidade e capacidade de criação, desenvolvendo a sua percepção do mundo além do que está imediatamente ao seu redor. A arte é um dos motores que impulsionam um cidadão atento e pensante, que age de acordo com as possibilidades que se colocam a sua frente, onde:

> Agir em termos de possibilidades é agir com imaginação e criatividade, formulando hipóteses a partir da evocação do que se sabe e da previsão do que pode ser. Condição que ocorre sempre que a criança, curiosa, não se conforma em só reproduzir aquilo que conhece e passa a inventar outros modos singulares de fazer, transformando tanto a realidade conhecida pela novidade que conquistou quanto a si mesma pela ação que realizou. (RICHTER, 2011, p. 159)

A arte é conhecimento e traz conhecimento, faz pensar e agir e como coloca Puccetti e Souza (2011, p. 2511) "o processo de criação artística é, em si, um processo de conhecimento" a partir do momento em que traz relações que conectam o sujeito que compreende, relaciona, transforma e cria, percebendo-se como um ser criativo, capaz de transpor os seus limites.

A arte faz pensar e propõe novas descobertas, sendo que esta sua capacidade de mostrar novos caminhos a percorrer não se restringe apenas as pessoas sem limitações cognitivas, pois esta também se mostra de grande significação quando utilizada na formação de crianças e até mesmo adultos com deficiências intelectuais. A educação dos deficientes intelectuais é algo relativamente novo, sendo que no século XX, grande parte dos estudos acerca da deficiência intelectual, ainda eram baseados em suas questões clínicas, onde poucos autores, como por exemplo o russo Lev Semenovich Vygotsky (1896 – 1934), se dispunham

a analisar as questões relativas a educação desta população, estudos estes que para o autor eram não somente com o objetivo de educar ou “reabilitar” essas pessoas, mas também como busca de uma melhor compreensão acerca dos processos mentais humanos, como aponta Rego (1995). Processos estes, que na visão de Vygotsky estavam mais relacionados com as questões histórico-culturais que as biológicas, como esclarece Barroco (2007) ao dizer que nas décadas de 1920/1930, o estudioso já tinha a ideia de que a deficiência se manifestava de diferentes modos de acordo com a sociedade e a cultura onde este indivíduo estava inserido.

Vygotsky foi um dos primeiros a propor uma interação entre a arte e a psicologia, pensando a arte em suas possibilidades intelectuais e cognitivas.

> Para ele, ambas necessitam de aprofundamentos específicos e complementares: as artes, de um lado, têm carecido de fundamentações psicológicas, enquanto a psicologia tem deixado de responder satisfatoriamente a questões complexas sobre o comportamento estético. O que existia até o momento, para o autor, não respondia de forma objetiva e contundente a questões recorrentes, que envolviam, por exemplo, a investigação objetiva da experiência estética. O autor faz, assim, análises sobre a fábula, a tragédia e a comédia, e propõe o que chama de um método objetivo de análise da obra de arte. (Moutinho e Couti, 2010, extraído de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722010000400004, acesso em 20 de junho de 2013).

A proposta de Vygotsky, em traçar um paralelo entre a arte e a psicologia, é de grande interesse quando nos colocamos a pensar o trabalho com deficientes intelectuais, onde, por muitas vezes, apenas os aspectos estruturais básicos da arte educação não são suficientes para proceder com o trabalho de percepção e produção artística destes. Essa aproximação entre a arte e a psicologia é encontrada no livro de autoria do próprio Vygotsky nomeado Psicologia da Arte, publicado originalmente no ano de 1925, onde o autor aborda, por exemplo, questões relativas à imaginação, ressaltando que esta é caracterizada por aquilo que não se ajusta a realidade, e que em uma concepção generalista, não se tem

valor. Entretanto, este continua sua análise, ressaltando que a imaginação é a base de toda atividade de criação e por meio dela nascem diferentes pensamentos e produções, sejam artísticos, técnicos ou científicos, idéia que parece nortear as palavras de Barbosa (2012, p. 32) ao dizer que “um adulto equilibrado, que seja capaz de resolver satisfatoriamente os problemas que a vida lhe apresenta, necessita não apenas de pensamento lógico, mas também da intuição e da imaginação”.

Um importante aspecto encontrado nas teorias de Vygotsky acerca da arte é a forma como esta pode ser interpretada pelo receptor, sendo que a sua percepção demonstra-se de extrema contemporaneidade, pois coloca esta interpretação não apenas centrada na obra, autor e espectador, mas sim na relação entre estes e o meio, como é objetivado na grande concepção da arte contemporânea. Esta forma de relação é de extrema importância ao se trabalhar com deficientes intelectuais, pois, sem toda noção de conhecimento sobre elementos estruturais do desenho, sem grandes contaminações históricas e narrativas contidas no discurso sobre a obra e sem as afetações elitistas de gosto impostas pela sociedade, toda a análise se dará com base nessa tríade formada entre obra, receptor e meio, como propunha o autor, que:

> [...] destacava como fundamental considerar: (a) que a sociologia não permite uma compreensão integral das leis que regem os sentimentos numa obra de arte; a psicologia social, sim, pode viabilizar estas respostas, sendo considerado o indivíduo como ser social desde sua origem; e (b) a psicologia objetiva também deve ser o caminho para a psicologia da arte, mas, para tanto, não pode insistir em investigações que focalizem isoladamente as emoções do criador e do espectador. A saída para este impasse seria, de acordo com o autor, ter como foco a análise da forma, pois somente esta permitiria integrar autor, obra e espectador. Ou seja, Vigotski chama a atenção aqui para o fato de que a unidade de análise de uma psicologia objetiva da arte não pode estar nem na obra nem somente no autor ou espectador, mas na interconexão dessas esferas, possibilitada, segundo ele, através da forma. (Moutinho e Couti, 2010, extraído de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722010000400004, acesso em 20 de junho de 2013).

Como coloca (Celeste, 1999, apud Puccetti e Souza, 2011, p. 2510) de acordo com o pensamento de Vygotsky “as produções artísticas podem ser considerados como instrumentos psicológicos”. Por meio da arte o indivíduo é capaz de exprimir de forma simbólica elementos que fazem parte do seu interior e exterior, sendo que o contexto social terá grande influência sobre todo o processo. Essa percepção pode ser percebida no trabalho de diversos pesquisadores contemporâneos, como em Nise da Silveira que se utilizava da arte como uma forma de terapia (um meio), no tratamento de doentes mentais. Nas palavras da médica, é possível perceber alguns traços do pensamento vygotskyano, como a junção da arte com a psicologia e principalmente as características histórico-culturais, ao acreditar que o meio terá grande afetação no desenvolvimento do indivíduo.

> A imagem não é simples cópia psíquica de objetos externos, mas uma representação imediata, produto da função imaginativa do inconsciente, que se manifesta de maneira súbita, mas sem possuir necessariamente caráter patológico, desde que o indivíduo a distinga do real sensorial, percebendo-as como imagens internas. Na qualidade de experiência psíquica, a imagem interna será mesmo, em muitos casos, mais importante que as imagens das coisas externas. Acentuemos que a imagem interna não é um simples conglomerado de conteúdos do inconsciente. Constitui uma unidade e contém sentido particular: expressão da situação do consciente e do inconsciente, constelados por experiências vividas pelo indivíduo. (SILVEIRA, 2001, p. 82)

Ao descrever a importância das imagens internas e ressaltar a relevância das experiências vividas pelo indivíduo, Nise se aproxima de Vygotsky com relação ao pensamento deste acerca da imaginação e principalmente em relação à busca pelas características humanas dos indivíduos, como demonstra Rego (1995, p. 39) ao apontar as principais vertentes do programa de pesquisa de Vygostsky, destacando que as três questões fundamentais a serem estudadas era a interação dos seres humanos com o ambiente, o trabalho como meio de relacionamento homem e natureza, e a análise da natureza das relações entre o uso de instrumentos e o desenvolvimento da linguagem, onde segundo ele estes processos “não são inatos, eles se originam nas relações entre indivíduos humanos e se desenvolvem ao longo do processo de internalização de formas culturais de comportamento”.

Puccetti e Souza (2011), atentam que o fazer artístico envolve uma dimensão lógica conceitual (dimensão poética), enquanto que a atividade criadora é sustentada pela razão intuitiva e não pelo racional, evidenciando o vínculo entre o sujeito e o mundo (dimensão pioética), sendo que o processo cognitivo constituem-se pela troca de elementos reais com as que são acrescentadas pelo indivíduo.

Conteúdo em prática: aplicação dos conteúdos aos docentes por meio de formação continuada

A sociedade, as crianças e os alunos já não são mais os mesmos, então é impensável que o professor e a escola continuem sendo. A cada dia o papel do educador parece se modificar. São novas regras, novas habilidades e principalmente novas tecnologias que permeiam o ato de ensinar. Fora isso a sociedade tem um importante peso na formação destes educandos e na mediação do educador, pois a TV, a Internet, a violência, a família e o crescimento das cidades vão moldando esses personagens de acordo com a realidade vivida, como já imaginava Vygotsky ainda no início do século XX.

Mesmo não teorizando sobre o campo da pedagogia, mas sim sobre a didática da arte, Mirian Celeste Martins faz uma abordagem clara e de certa forma até poética sobre o papel do educador na sociedade contemporânea, como é percebido abaixo ao dizer que:

> O educador é aquele que prepara uma refeição, que propõe a vida em grupo, que compartilha o alimento, que celebra o saber. É do entusiasmo do educador que nasce o brilho dos olhos dos aprendizes. Brilho que reflete também o olhar do mestre. Cada aula, como um jogo de aprender e ensinar, é um instante mágico. Requer preparação e coordenação especiais, de mãos habilidosas que tocam, que apontam, que escolhem contextos significativos para o aprendiz tecer sua rede de significações. (MARTINS, 1998, p. 129)

Mas não é só de glórias que se faz o trabalho do professor, pois são muitos os momentos difíceis, incluindo uma verdadeira crise de identidade, como aponta Nóvoa (1995). O autor, que é um dos principais referenciais relacionados à formação de professores, aponta a necessidade de se pensar a educação como um todo, incluindo o professor, recordando a publicação de um livro de 1984, intitulado "O professor é uma pessoa", destacando que

> ao escolher esse título, na sequência de uma importante reunião internacional, Ada Abraham estava consciente da evidência explosiva que ele encerrava, A viragem tinha-se iniciado. Desde então, a literatura pedagógica foi invadida por obras e estudos sobre a vida de professores, as carreiras e os percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes ou o desenvolvimento pessoal dos professores; trata-se de uma produção heterogenia, de qualidade desigual, mas que teve um mérito indiscutível: recolocar os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas da investigação. (NÓVOA, 1995, p. 15)

Como observa o professor José Mário Pires Azanha da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, "o professor é membro de uma comunidade escolar com objetivos e alcance social que vão além do ensino de qualquer disciplina", afirmando ainda que, se este não é bem preparado em sua formação, acaba o licenciado tornando-se "uma vítima preparada para fazer as suas próprias vítimas" (PATTO, 2004, p. 62/63), afirmando ainda que:

> Prudência com relação ao realce dado às disciplinas pedagógicas na formação do professor. E a situação fica ainda mais grave quando sabemos que essas disciplinas pedagógicas são vistas comumente sob o prisma eminentemente didático, isto é, tecnológico. Tudo se passa como se a formação do professor devesse instrumentá-lo com métodos e técnicas, quando talvez fosse muito mais interessante preparar o professor a partir da discussão das questões substantivas de educação seus aspectos filosóficos, históricos, sociais e políticos. (PATTO, 2004, p. 68)

Como esclarece Gatti (2008, p. 58. Extraído de http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/06.pdf, acesso em 27 de junho de 2013), o objetivo principal da formação continuada, de acordo com discussões internacionais, é o de “aprimoramento profissional nos avanços, renovações e inovações de suas áreas”. Entretanto, como observa a autora, no Brasil cresce a cada dia o número de cursos de formação continuada, cujo objetivo é não atualizar, mas sim “suprir aspectos da má formação anterior”. Segundo Gatti, o melhor preparo dos educadores tornou-se uma preocupação internacional, discutida por órgãos como o Banco Mundial e a UNESCO e constante em documentos como o do Programa de Promoção das Reformas Educativas da América Latina (PREAL, 2004), entre outros, destacando ainda que:

> Na última década, a preocupação com a formação de professores entrou na pauta mundial pela conjunção de dois movimentos: de um lado, pelas pressões do mundo do trabalho, que vem se estruturando em novas condições, num modelo informatizado e com valor adquirido pelo conhecimento, de outro, com a constatação, pelos sistemas de governo, da extensão assumida pelos precários desempenhos escolares de grandes parcelas da população. Uma contradição e um impasse. Políticas públicas e ações políticas movimentam-se, então, na direção de reformas curriculares e de mudanças na formação de docentes, dos formadores das novas gerações. (2008, p. 58. Extraído de http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/06.pdf, acesso em 27 de junho de 2013)

Independente do contexto ao qual esteja inserido, seja como atualização ou complementação educacional, a formação continuada deve fazer parte da vivência profissional do professor, pois este deve estar em igualdade com as inovações de seu tempo, as novas e antigas formas de pensamento e com as mudanças sociais e culturais de seus alunos e da sociedade em geral, como pensa Buoro ao dizer que:

> Cabe a nós, educadores, adotar a mesma postura inquieta de pensadores e pesquisadores permanentes, devendo para isso buscar formação contínua e investimento em novos conhecimentos, uma vez que só podemos ensinar aquilo que efetivamente sabemos (BUORO, 2002, p.25)

Nesse sentido, e com base em toda a apropriação teórica e prática adquirida a partir de pesquisas e estudos realizados nas mais variadas fontes e bases de dados, assim como o conhecimento assimilado durante a participação no Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) do Governo do Estado do Paraná no ano de 2013/14, foi estruturado o programa e forma de abordagem para aplicação dos conteúdos referentes à Imagem, Alfabetização Visual, Arte, Arte em um Contexto Especial e Interpretação das Imagens Produzidas pelos Deficientes Intelectuais, em um grupo de formação continuada com carga horária de 32 horas (8 encontros de 4 horas realizados aos sábados de março a maio de 2014), onde 12 professoras da Escola de Educação Básica na Modalidade Especial – Ilece puderam entrar em contato com diferenciadas formas de se pensar a imagem, trocando experiências, dúvidas e aplicando estes novos saberes com seus respectivos alunos.

Para que os encontros fossem dinâmicos e proveitosos, estes foram estruturados de forma que os conhecimentos tivessem continuidade e principalmente relevância na vivência profissional dos participantes, onde o maior beneficiário de todo este processo deveria ser o aluno.

E assim os encontros foram iniciados por meio de uma introdução sobre a importância da arte, da imaginação e da imagem no desenvolvimento humano, demonstrando a utilização dessa no decorrer dos tempos. Essa primeira abordagem foi importante devido a visão parcial que muitas pessoas tem com relação às temáticas abordadas. Neste encontro também foram enfatizadas questões referentes à interpretação, iniciando-se com a textual, o que fez com que os participantes repensassem a sua forma de “olhar” para as imagens e palavras que as cercam. Com essa primeira abordagem as professoras ficaram mais receptivas a questões da visualidade e assim em um próximo encontro foi possível adentrar em questões relativas à imagem e a arte no cotidiano, demonstrando como nossos olhos deixam de perceber detalhes significativos expostos pela mídia televisiva,

publicitária e também pela Internet, item este que mereceu destaque, e acabou por aguçar a curiosidade, quando nos colocamos a analisar várias imagens disseminadas por sites de redes sociais (Facebook) e que por vezes não recebem um olhar mais aprofundado, atividade esta que foi recebida com muita empolgação, como um verdadeiro exercício de “despertar o olhar” e que acabou por abrir caminho para as leituras de imagens, cor, forma e fotografia que foram realizadas posteriormente.

Nos encontros seguintes foram abordadas questões relativas à arte em sua historicidade e o desenho na infância, o ato de desenhar e a expressão da arte na infância. Com relação à história da arte, essa foi uma solicitação das próprias professoras, que relataram o seu pouco conhecimento sobre essas questões e que no decorrer desta viagem histórica e conceitual se mostraram encantadas com o que estavam descobrindo. Uma questão que gerou muitos questionamentos neste e em encontros seguintes foi com relação à estereotipia e a forma como esta acaba por induzir a percepção e aceitação das pessoas com relação ao que foge de alguns moldes pré-concebidos. Foi muito interessante perceber os relatos com relação à forma como os participantes foram educados em arte e o quanto a forma de aplicação da disciplina educação artística nos anos 70 e 80 tiveram importância no modo como os educadores visualizam a produção de seus alunos nos dias de hoje, sendo que muitos bloqueios descritos pelos participantes, nasceram nas próprias aulas de arte. Esses questionamentos e apresentações foram de fundamental importância para que se pudesse entrar no mundo da leitura dos desenhos das crianças, buscando elementos muito além dos conceitos de “bonitinho” que antes tanto os agradavam.

Com os pré-conceitos com relação à imagem exteriorizados foi iniciada uma verdadeira incursão pelo mundo da arte especial, dando fundamental destaque ao pensamento de Vygotsky e a sua visão acerca da arte, da imaginação e do aprendizado de pessoas com deficiência intelectual (retardo mental). Assim foram feitas apresentações referentes à arte especial, a utilização da arte como meio e fim na educabilidade de pessoas especiais, vivência e desenvolvimento de deficientes intelectuais e doentes mentais, dando destaque a projetos, pessoas e autores que utilizaram da arte em caráter especial como fonte de pesquisa como Nise da Silveira (Imagens do Inconsciente) e também pessoas que tinham a deficiência ou doença

mental como Arthur Bispo do Rosário, artista esse que não era conhecido por nenhum participante, mas que acabou por chamar muita a atenção dos presentes, que acabaram por aproximá-lo aos seus alunos, principalmente os adultos.

Nos encontros que seguiram outros artistas com características diferenciadas também foram apresentados, assim como uma apresentação geral sobre a interpretação da deficiência e dos deficientes no decorrer da história da arte. E assim, com base em todos os conteúdos, questionamentos e ideias surgidas no decorrer dos encontros, foi possível realizar um direcionamento de algumas atividades que acabaram por ser aplicadas com os alunos em sala de aula. Estas atividades foram elaboradas de forma a permitir que o aluno pudesse expressar toda a sua potencialidade e comunicar-se por meio das formas, cores e imagens. Com base nas atividades aplicadas, os professores retornaram para o próximo encontro com os materiais produzidos pelos alunos e, coletivamente, foram levantadas questões que pudessem colaborar em um maior entendimento sobre as produções realizadas, levando-se em conta que a maior parte desses alunos não possui a totalidade de sua comunicação verbal.

No último encontro realizado, todos ficaram impressionados ao perceber o quanto a visão dos participantes havia mudado e o quanto as imagens passaram a ter significação não apenas em sua vida docente, mas em seu cotidiano. As interpretações realizadas foram sensíveis e demonstraram o nascimento de um olhar atento e crítico, contudo, despido de pré-conceitos e estereotipias, um olhar maduro a ponto de perceber que um simples borrão, ou mesmo a ausência de uma parte do papel pode narrar muito sobre o aluno. Como fechamento, realizamos a exposição (na escola) de algumas atividades dos alunos e de relatos dos professores de modo a valorizar a produção destes e a sua potencialidade expressiva.

Considerações Finais

É sabido que a nossa concepção de mundo se faz por meio das leituras que conseguimos fazer deste, sendo que cada pessoa pode ter diferenciadas

percepções acerca dos elementos, pessoas e informações que a cercam. Neste sentido o projeto se direcionou a buscar, por meio de um programa de formação continuada, envolver os professores, regentes de sala, e também demais professores como de Arte , Educação Física, Direção e Coordenação , apresentando aspectos referentes à arte em suas questões estéticas, conceituais e históricas, a imagem e diferenciadas interpretações, assim como a utilização destas como agentes de expressão, comunicação e conhecimento na educação de pessoas com deficiência intelectual.

Antes de se imergir complemente no mundo das imagens e também da arte, ressaltando que não ficamos apenas neste campo, mas também passeamos pelo mundo das imagens publicitárias, televisivas e da natureza, mostrou-se interessante questionar as participantes com relação à forma como essas interpretam outras formas de informação, como as sonoras e textuais. Esse questionamento se mostrou necessário devido a própria atitude que grande parte das pessoas tem com relação às imagens, colocando estas como algo de rápida assimilação, onde apenas informações superficiais são captadas, ou de difícil interpretação, onde elementos como as representações da arte contemporânea, por exemplo, são tratadas como algo incompreensível. Assim, iniciar o curso com leituras e interpretações de textos e de músicas foi de extrema importância, pois fizeram os participantes perceberem suas dificuldades em suportes que para estes eram de uma compreensão mais clara e fácil, mas que, quando observados com atenção, também podem nos possibilitar novas e significativas possibilidades.

Após essa breve “viagem” por áreas distintas aos meios visuais, o grupo se mostrou aberto a mergulhar em novas possibilidades e caminhar pelas imagens do mundo, da publicidade, da arte, imagens estáticas, imagens áudiovisuais, relação imagem e texto, arte em um contexto especial, arte como conhecimento, eu e a arte e a produção imagética do meu aluno. Dentro dessas questões, o projeto foi algo que contribuiu de forma significativa na forma como as pessoas envolvidas passaram a observar as imagens que as cercavam, e, principalmente, a pensar as produções de seus alunos.

Uma questão que sempre se mostrou presente no ensino da arte, mesmo em uma escola especial, é relativa à busca por elementos ou figuras reconhecíveis nas

produções dos educandos, ou mesmo, a busca por algum aspecto que deixasse essa produção mais “bonitinha”, e assim, apresentar produções que fugiram deste referencial foi muito importante para que os envolvidos pudessem se abrir para o novo e compreender os motivos que os levaram a criar esses conceitos, entendendo questões relativas à forma como a educação em arte no Brasil era estruturada nas décadas anteriores e como elementos estereotipados fizeram parte da nossa formação como educadores. Durante a realização da formação os envolvidos puderam exteriorizar esses olhares e expressar suas angústias e dúvidas com relação a essas produções, onde objetos e elementos não reconhecíveis e anteriormente desprezados como indignos de significação, começaram a se apresentar como algo com potencialidade interpretativa. Riscos, cores, pinceladas, texturas, danificações no papel, tudo isso passou a falar, ou melhor dizendo “gritar” para serem lidos, e como narrou uma participante, parecia agora “impossível não observar esses traços”, finalizando com a frase “por qual motivo ninguém nunca nos disse isso antes”.

Uma formação continuada não pode ficar apenas na formação propriamente dita, atingindo apenas os professores envolvidos, ela tem que ecoar pela escola e ter um afetamento no aluno, pois este sim é o principal envolvido, e nesse pensamento iniciou um processo de aplicação, utilização e interpretação das imagens dos alunos, onde não apenas o fim se mostrou importante, como também os processos, motivações e até mesmo estado de aceitação desta criança no momento de criação da imagem a ser analisada. Assim pode se perceber que a formação teve seus objetivos alcançados e se apresentou como um diferencial na vida acadêmica dos envolvidos (professores e alunos), onde as imagens deixaram de ser vistas como ilustrativas e passaram a ser utilizadas como um importante elemento no processo de formação dos alunos.

Referências

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte**: anos 1980 e novos tempos. 8ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BARROCO, Sonia Mari Shima. **A educação especial do novo homem soviético e a psicologia de L. S. Vigotski**: Implicações e contribuições para a psicologia e a educação atuais. Araraquara: Unesp, 2007. (Tese)

BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BUORO, Anamelia Bueno; **Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte.** Ed. Educ / Fapesp / Cortez, São Paulo-SP. 2002.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GATT, Bernardete A. **Análise das políticas públicas para a formação continuada no Brasil, na última década**. Revista Brasileira de Educação, v. 13 n. 37, jan/abr 2008. Extraído de: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/06.pdf. Acesso em 27 de junho de 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS, Mírian Celeste Ferreira Dias. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo**: poetizar, fruir e conhecer arte / Míriam Celeste Martins (ORG), Gisa Picosque, M. Terezinha Telles Guerra. - São Paulo, FTD, 1998

NÓVOA, Antônio. **Vidas de Professores** / Organização Antônio Nóvoa. Porto-Portugal: Porto Editora, 1995.

PATTO, Maria Helena Souza. **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores** / Organização: Raquel Lazzari Leite Barbosa. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no ensino das artes** / organizadora: Analice Dutra Pillar. Porto Alegre: Mediação, 2011.

PUCCETTI, Roberta e SOUZA, Maria Irene Pellegrino de Oliveira. II Encontro Nacional de Estudos da Imagem - **Diversidade e autoimagem: da representação à apresentação**. Londrina: UEL, 2011. (Anais)

REGO, Tereza Cristina**. Vygotsky**: Uma perspectiva Histórico Cultural da Educação. 12ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

RICHTER, Sandra. **A educação do olhar no ensino das artes** / organizadora: Analice Dutra Pillar. Porto Alegre: Mediação, 2011.

SILVEIRA, Nise da. **O mundo das imagens**. 1º ed. São Paulo: Ática, 1992.